

# Mailson nega pedido de crédito-ponte

O ministro afirmou que o empréstimo-ponte foi uma invenção da imprensa e prevê que as negociações vão terminar no prazo previsto

**MOISÉS RABINOVICI**  
Enviado especial

CARACAS — O empréstimo-ponte que era considerado crucial para evitar um impasse na renegociação da dívida brasileira começou a ser descartado como "invenção da imprensa", ontem, em Caracas, pelo ministro Mailson da Nóbrega, agora mais preocupado em obter garantias do Banco Mundial para uma parcela do dinheiro novo do pacote de médio prazo.

O ministro volta hoje ao Brasil, com seus negociadores de Nova York, para reavaliar a situação. Ele foi muito aplaudido por cerca de 300 banqueiros, depois de um discurso em que lhes pediu pressa para a conclusão do acordo, mas, aparentemente, não conseguiu convencê-los.

O Brasil tem condições de fazer algum pagamento de juros a partir de abril? — perguntou-se ao ministro, em sua suíte do Hotel Caracas Hilton.

"Vamos analisar isto. Em princípio, não temos reserva (...) temos que achar juntos uma solução para evitar que se gere um impasse nas negociações, e evitar que esse impasse só seja resolvido com perdas de reservas brasileiras."

A notável mudança de retórica dos negociadores brasileiros, quando o ministro Mailson da Nóbrega, provocou o rumor, entre jornalistas apenas, de que as negociações da dívida poderiam estar em crise. Uma fonte consultada pelo **Estado** desmentiu o rumor, sem ne-

gar a existência de problemas, "não nesse tipo de negociações".

O ministro Mailson da Nóbrega confirmou uma reunião que o comitê de bancos credores promoveu na manhã de ontem, no Hotel Anauco, informando apenas que foram acertadas as datas para os próximos encontros, "já que todos voltamos para o Brasil". Ele também desprezou a impressão de que novas dificuldades estejam bloqueando as negociações, prevendo que elas terminem dentro do prazo previsto, talvez com a diferença de uma semana a mais, ou a menos.

Procurou também desdramatizar o pedido de garantias do Banco Mundial apresentado pelos banqueiros. Um outro país cedeu aí, o México, como ele explicou, e "vamos examinar isso". Mas o Banco Mundial aceitaria dar garantias? A resposta, em Caracas, passada por banqueiros que pediram o anonimato, é um "não" absoluto.

Uma outra novidade envolvendo o Banco Mundial, mas que "não é novidade alguma", segundo o ministro é a de que o Brasil está estudando se aceita ou não o princípio de vinculação de seus empréstimos com outros, concedidos pelos bancos comerciais:

"Isto também é um aspecto presente em outros acordos. Isto é o chamado financiamento paralelo. Os desembolsos se dão na medida em que ocorrem certos desembolsos do Banco Mundial (...) Não é como o FMI. A finalidade seria a de mostrar que o financiamento está sendo concedido dentro de um programa".



AP

**Mailson cumprimenta Shimamoto, do Eximbank japonês**

O ministro também afastou-se flexível: "Não fechamos a porta a esse tipo de participação do Banco Mundial. É uma característica presente em outros acordos. Em segundo lugar, não examinamos ainda suas vantagens e desvantagens. Não dissemos não". Quando um repórter lhe perguntou se aceitar implicaria em alguma inconveniência, ele respondeu: "Não queremos concordar sem uma avaliação cuidadosa".

Ao **Estado**, que perguntou se novidades como garantias e financiamento paralelo do Banco Mundial não atrasariam o fechamento do pacote de US\$ 5,8 bilhões e se então não ficaria cada vez mais urgente o empréstimo-ponte avaliado, até ontem, em cerca de US\$ 1,8 bilhão, o ministro responde:

"Não estamos negoclando empréstimo-ponte... Não existe isso".

Outra "miragem" da imprensa,

neste mesmo sentido, é a questão das salvaguardas. "Não colocamos nada na mesa", afirmou o ministro.

O ministro disse que "não fomos anunciar para a imprensa (o que é ou não discutido entre o Brasil e os credores) porque atrapalha as negociações".

As incertezas política e econômica no Brasil estariam na origem do pedido de garantias do Banco Mundial feito pelos banqueiros? O déficit público a 6,7% do PIB gera um grau muito grande de incerteza. "Muita gente sabe que não temos capacidade de absorver um déficit público dessa magnitude(...). Ninguém aposta numa economia que esteja ameaçada de desestabilização."

Sobre a incerteza política, acrescentou: "Não acredito (que ela influa). O que qualquer financiador deseja é saber que seu cliente está com um programa de trabalho que o levará à prosperidade".